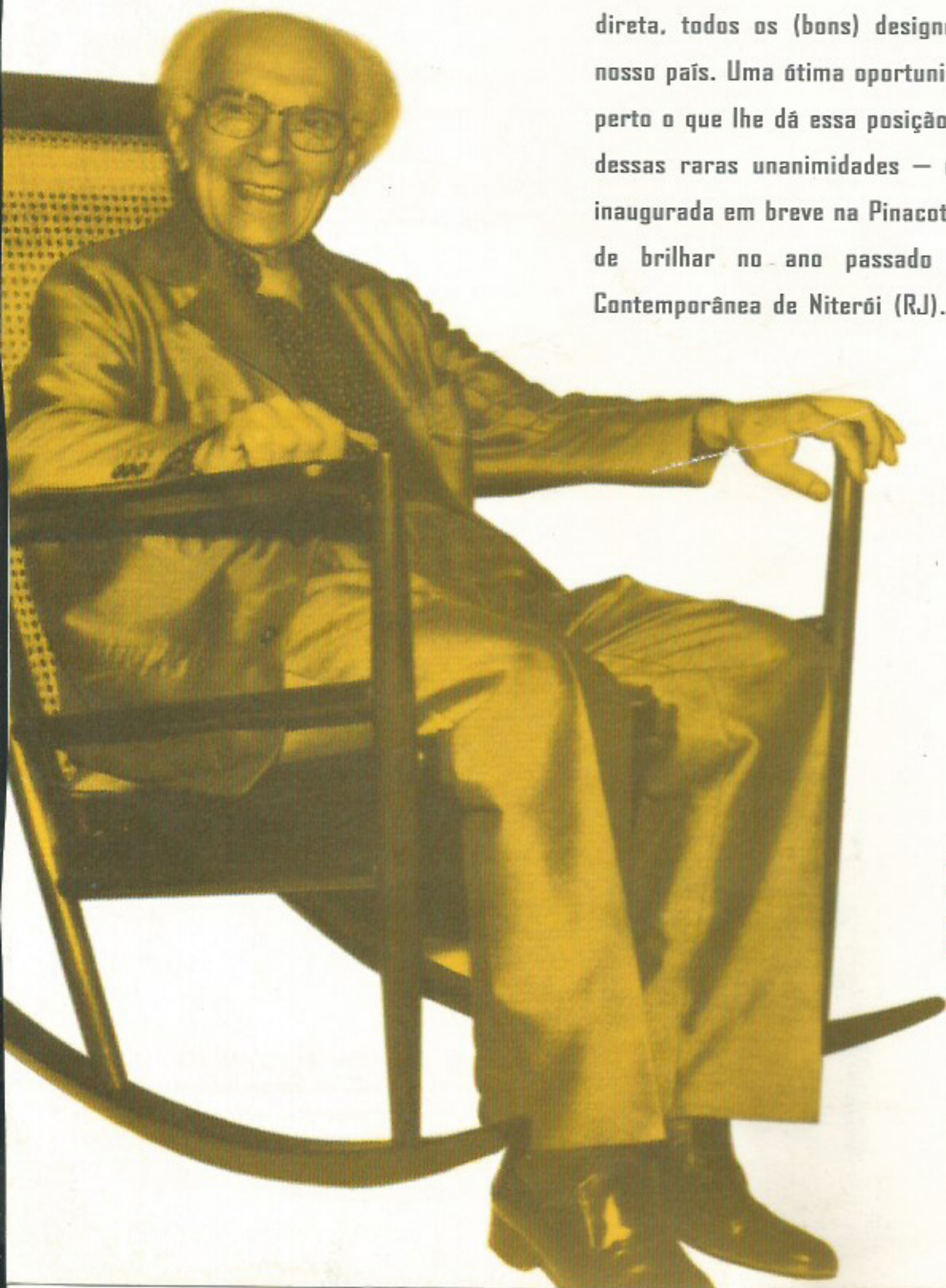


J. Tenreiro

Joaquim Tenreiro é o "pai" do móvel brasileiro moderno. Nessa condição, dele descendem, em linha direta, todos os (bons) designers de mobiliário em nosso país. Uma ótima oportunidade para conferir de perto o que lhe dá essa posição — apontada por uma dessas raras unanimidades — é a mostra que será inaugurada em breve na Pinacoteca do Estado, depois de brilhar no ano passado no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (RJ).



Ao lado, Tenreiro, o poeta da madeira, em 1985, na abertura de exposição no Centro Empresarial Rio

Adélia Borges

Uma feliz coincidência é que tanto no MAC de Niterói quanto na Pinacoteca os móveis de Tenreiro encontraram como cenário a arquitetura de Oscar Niemeyer – a mesma que estava presente em 1942, quando ele recebeu a primeira encomenda de móveis com linguagem moderna, para a residência de Francisco Inácio Peixoto, em Cataguases, interior de Minas. Entre Niterói e São Paulo, a mostra com curadoria e montagem de Janete Costa fez uma escala em Lisboa, Portugal, onde ele nasceu em 1906. Filho e neto de marceneiros, desde pequeno Tenreiro teve contato com a madeira. Em Melo, pequena aldeia na Serra da Estrela, onde passou a infância, seu maior divertimento era ficar horas a fio na oficina do pai. Aos 8 anos, já começou a se encarregar de algumas encomendas. O pai, lembrava, “fazia de tudo com a madeira, mas não era capaz de criar”.

Suas pretensões eram maiores. Assim, em 1928, já casado, mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro e matriculou-se em curso de desenho, tendo participado pouco depois da criação do Núcleo Bernardelli.



No alto da página, Tenreiro inspecionando a produção de cadeiras nos anos 50. As formas depuradas, os volumes elegantes e o despojamento estão presentes desde a primeira cadeira feita em 1942 (foto no alto da página, à esquerda). Ao lado, poltrona de palhinha, 1958; acima, cadeira do Itamaraty, 1965

Paralelamente à pintura e ao desenho, começou em 1933 a trabalhar em marcenarias fazendo móveis de estilo, "luízes de todos os números e renascimentos tardos de 400 anos", como diria ironicamente.

Desde cedo, Tenreiro criticou o provincianismo de uma sociedade colonizada que só via valor no que vinha de fora e que negava a própria época. Gostava de citar uma carta de Eça de Queirós de 1888, em que o escritor português relata a um amigo sua perplexidade com "os móveis de pés dourados, os resposteiros de grossas borlas, todo o pesadume de decoração estofada com que Paris e Londres se defendem da neve" e que ele encontrara em pleno Rio tropical.

Para Tenreiro, os móveis brasileiros deveriam ser formalmente leves. "Uma leveza que nada tem a ver com o peso em si, mas com a graciosidade, a funcionalidade dentro de seus espaços." Deveriam ainda estar baseados na "honestidade de propósitos, eliminação do supérfluo, ajuste de função e limpeza plástica".

Esse pensamento encontrou eco na arquitetura moderna;



Originária da Índia, a palhinha tornou-se uma tradição do móvel colonial brasileiro, mas seu uso tinha cessado em favor dos estofados. Tenreiro resgatou o material, que ele considerava o mais indicado ao nosso clima, e podia falar horas sobre as técnicas de trançar e prender a palhinha. No alto, cadeira recurva de espaldar alto, de 1949, abaixo, cadeira curva com varetas, de 1960





que pedia interiores despidos de ornamentos. A partir da encomenda para Cataguases, sua maestria no ofício da madeira se ligou à alma de artista para a criação de novas formas. Só um conhecedor em profundidade da madeira poderia chegar a extremos poéticos como Tenreiro alcançou. Seus famosos pés de palito compõem peças de uma delicadeza sem fim, delgadas e magicamente leves, e ainda assim perfeitamente estruturadas e resistentes – façanha sem dúvida possibilitada pelas características do jacarandá.

Ele usou também o pau-marfim, o roxinho, o cedro e o vinhático. E foi o primeiro a explorar a diversidade cromática das madeiras brasileiras, numa de suas obras-primas, a Poltrona de Três Pés, concebida para o cenário da peça "Da Necessidade de Ser Polígamo", de Silveira Sampaio, que tratava de um triângulo amoroso. Com a união da palhinha à madeira fez outras tantas obras-primas. Uma das mais conhecidas é a cadeira



Dois clássicos de Tenreiro. No alto à esquerda, Cadeira de Três Pés, em laminado de madeira de dois ou mais tipos. Criada em 1947, ainda em 1959 causava sensação, ao ser exposta no Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio. Ao lado e acima, Cadeira de Embalo, 1947, com assento e braços em manta de borracha ou couro natural

Itamaraty, de 1965, desenhada e produzida para o salão de banquetes do Palácio do Itamaraty, em Brasília. Tenreiro foi um ardoroso defensor da utilização da palhinha, que estivera presente no móvel colonial brasileiro, mas havia sido abandonada em favor dos brocados e dos veludos. "A palhinha em si não é brasileira, é um produto universal, aplicada em todos os setores. O caso é que no Brasil ela adquiriu características próprias, tornando-se praticamente brasileira."

Os móveis de Tenreiro tiveram muito sucesso. Em 1947 ele abriu uma loja no Rio; em 1953, abriu outra em São Paulo. A fábrica em Bonsucesso chegou a ter mais de 100 operários. Mas ele não era um homem da administração, da produção ou do marketing. Em 1968, teve a coragem de jogar tudo para o alto. Parou suas atividades como designer e produtor para se dedicar inteiramente às artes plásticas, passando a fazer o que



A sinuosidade da curva no encosto numa só peça de madeira é permitida pelo uso do jacarandá, na cadeira ao lado, de 1960 com assento em couro. Abaixo, a versão brasileira da cadeira de balanço, de 1948, com estrutura em jacarandá, encosto e assento em palhinha



Antonio Houaiss chamou de "esculpinturas", na verdade uma síntese de seu trabalho como pintor e como designer. A curadora Janete Costa afirma que na produção artística de seus objetos-relevo, "pintor e designer se aliam, na perfeita harmonia do uso das cores e das formas".

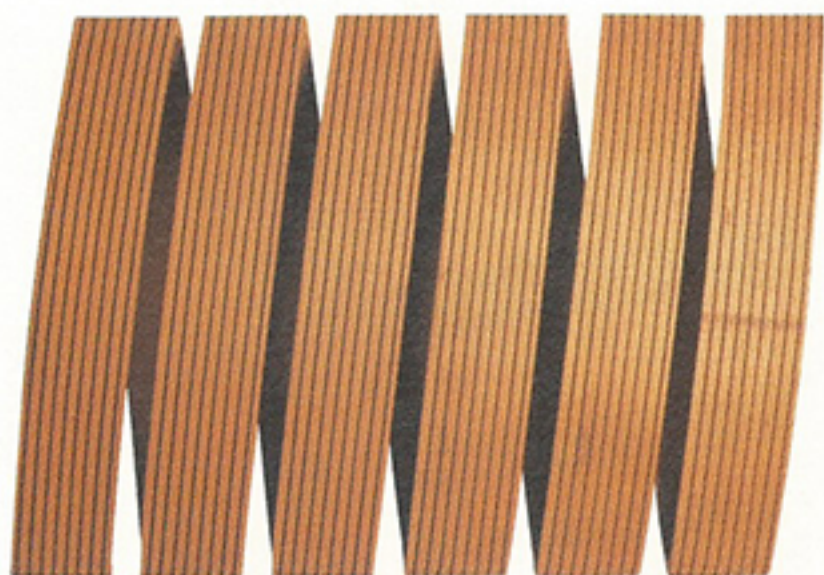
Usando a madeira em ripas, treliças ou fitas, e compondo objetos predominantemente com estrutura geométrica, Tenreiro leva às alturas seu incrível virtuosismo e nos deixa boquiabertos, tal a poesia que consegue tirar da matéria. "A obra de Tenreiro é um desafio à madeira. Ele está sempre provando que a madeira pode ir além de seu próprio limite", diz o escultor Emanuel Araújo, diretor da Pinacoteca.



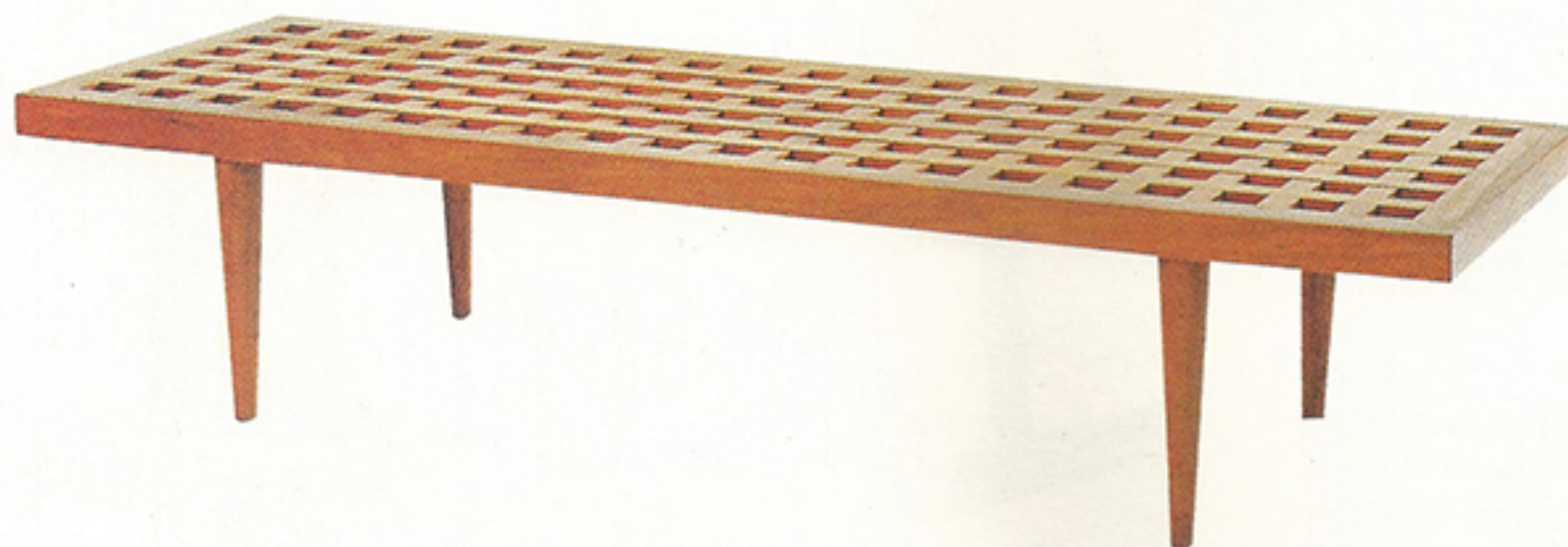
Tenreiro não foi o primeiro autor do móvel moderno no Brasil. Antes dele, na década de 20, em São Paulo, Gregori Warchavchik e Lasar Segall estenderam os ideais da Semana de Arte de 1922 para o campo dos equipamentos domésticos, mas tiveram uma produção episódica e fizeram peças não-seriadas. Já Tenreiro, em 26 anos como designer, de 1942 a 1968, fez cadeiras, mesas, biombos, sofás, aparadores, toda sorte de tipologia de móvel, em

escalas consideráveis de produção.

Tenreiro morreu pobre, em 1992, assistido de perto por sua amiga Janete Costa. A exposição itinerante e o belo e consistente livro "Tenreiro", editado por Soraia Cals com o patrocínio da Icatu, fazem jus à sua memória e



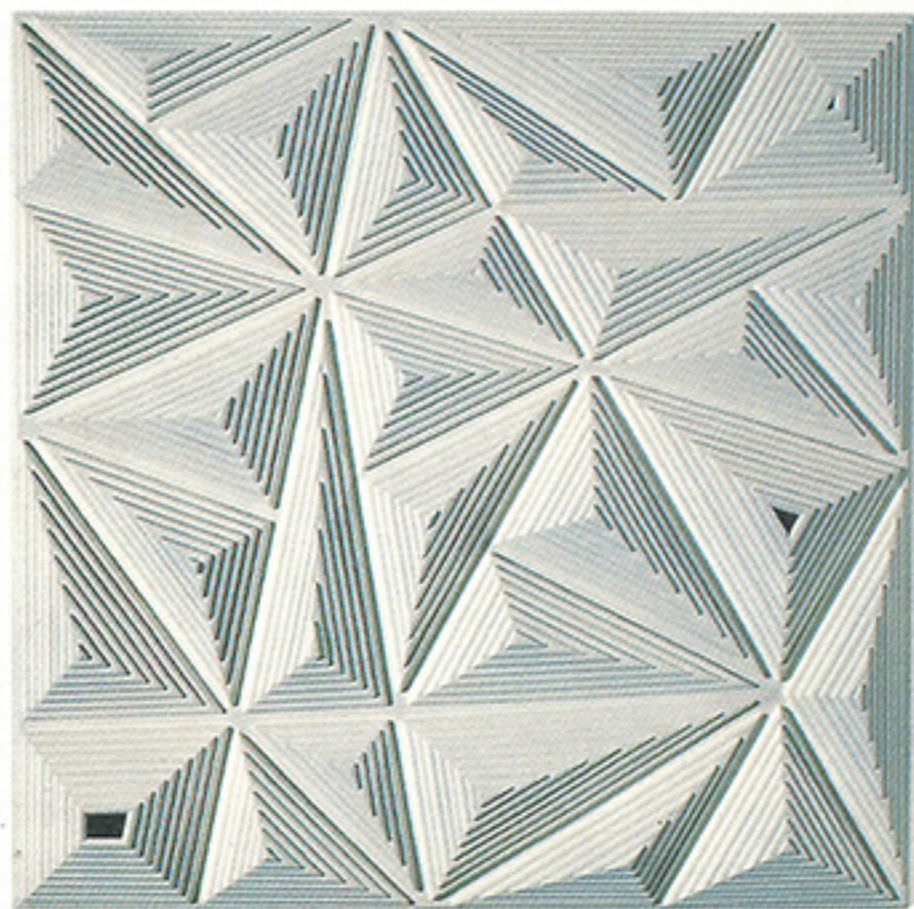
O domínio técnico da matéria é potencializado nas obras de arte. Acima, *Composição Prismática*, sem data; ao lado, *Fita*, sem data. Ambos pertencem à coleção João Sattamini - Museu de Arte Contemporânea de Niterói. Abaixo, mesa com tampo de madeira em xadrez, superfície revestida de lâmina de cristal, 1950



estimulam uma reflexão sobre os ensinamentos de um mestre cujas criações continuam surpreendentemente atuais, de uma elegância à prova do tempo e dos modismos. Resta que esse reconhecimento se estenda aos produtores. Apenas a Cadeira de Embalo, de 1947, voltou a ser produzida pela Probeta em 1992, mas, sem publicidade, acabou saindo de linha alguns anos depois. É uma pena que seja possível comprar hoje móveis de grandes nomes como Le Corbusier, Alvar Aalto, Isamu Noguchi e Charles e Ray Eames, entre outros, e não do nosso Joaquim Tenreiro. ■

Adélia Borges é jornalista e curadora especializada em Design.

As fotos desta matéria foram reproduzidas do livro "Tenreiro", de Soraia Cals – Rio de Janeiro: Bolsa de Arte do Rio de Janeiro, 1998 e do catálogo da Exposição "Joaquim Tenreiro, Artífice e Designer", realizada no Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Rio de Janeiro, 1998.



"Amo o amor do Tenreiro à madeira", escreveu certa vez Antonio Houaiss. Uma frase mais do que apropriada ao se observar a inacreditável delicadeza da treliça em madeira, na coluna de 1961, ao lado. Acima, Composição Frisada, 1971, em madeira pintada

